

## Evocação do Prof. Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007): perfil humano

Manuel Gama  
Departamento de Filosofia - Universidade do Minho

*A peculiaridade de Lúcio Craveiro da Silva está igualmente além e aquém do seu amplo curriculum académico – é neste pressuposto e com este horizonte que elaborámos este texto.*

### PREÂMBULO <sup>(1)</sup>

1. – Irei falar de alguns aspetos que, admito, não são fundamentais na forma como se entende a Universidade, mas são importantes para a nossa identificação do “perfil” da pessoa humana Lúcio Craveiro da Silva (LCS) e, como o enfoque é feito sobretudo em de auto ótica, eventualmente, serão mais ilustrativos, para o nosso desiderato, do que teorias apresentadas nas obras escritas, pensadas com rigor lógico, no sossego de um gabinete, sentado numa secretária, com papel e caneta à disposição, rodeado de livros e papeladas várias. Que influência teria tido a Filosofia na construção deste homem-filósofo que se dizia, até morrer - em idade de nonagenário -, um “aprendiz”? Não se sabe, mas, certamente, muito!

É verdade que a vida é objeto de narrativas multímodas, pois é composta por tantos elementos e determinada por tantos fatores, que não cabem todos na escrita, nem mesmo nos versos do Poeta, que também foi. No contexto deste raciocínio, é que nos parece pertinente tocar em aspetos que vão para além da dimensão cognitiva em sentido estrito, ou seja, as dimensões “anoéticas”. Alguma adiposidade num corpo, parecendo dispensável, dá-lhe formosura, portanto não é supérflua. Não tem comparação um cadáver de pele e osso e um corpo vivo com formas trazidas por certas adiposidades.

Outro aspeto, colocado amiúde, e com muita pertinência, é o de saber se a obra é independente do seu Autor. A resposta é difícil, sobretudo quando a conduta do Autor não tem muito de exemplar. Felizmente, no caso presente, esse problema não se coloca. Se as ideias e a obra de pensamento são boas, o seu Autor não lhe fica atrás. Aliás, no caso presente, a pessoa humana e os seus valores, até poderão ser mais cativantes.

2. – A marca “mais visível” de LCS na UMinho vem mais pela sua dimensão de pessoa pública, que foi, e pelos cargos que desempenhou: membro da Comissão Instaladora da UMinho; seu Reitor (por exigência sua, 1º Reitor eleito em Portugal); Presidente do Conselho Cultural da UMinho (Conselho este que ainda hoje está presente nos Estatutos da Universidade e integra oito entidades culturais dentro da UMinho: Arquivo Distrital de Braga; Biblioteca Pública de Braga; Museu Nogueira da Silva; Centro de Estudos

---

<sup>1</sup> Um sentido agradecimento à Drª Maria Francisca Xavier – a quem nos liga uma longa amizade, desde os tempos de estudantes na Faculdade de Filosofia de Braga da UCP - pela leitura deste texto e, mais, pelos aperfeiçoamentos e acrescentos, dada a sua também grande proximidade e afetuosidade ao Professor Lúcio.

Lusíadas; Unidade de Arqueologia; Casa-Museu de Monção; Casa do Conhecimento e Museu Virtual da Lusofonia, estas duas últimas já criadas após a sua morte), etc.

3. – Quando posso, sou um ouvinte de *podcasts*, como por exemplo: “Deixar o Mundo Melhor”; “Uma Questão de ADN”; “Saber sabe Bem”; “A Beleza das Pequenas Coisas”; “Fala com Ela”, “Radicais Livres”, entre outros, são algumas das minhas fontes.

Apesar de um colega do meu Departamento de Filosofia, o Professor João Mendes, ter tido a ideia da gravação de um *podcast* com o Professor Lúcio, o que é certo é que, infelizmente, não foi realizado. Sorte a nossa, termos a sua «Auto ótica», que serviu como fonte principal das ideias que se seguem.

## I. – Origens e vivências iniciais.

LCS nasceu em 1914, em Tortosendo, Covilhã, e aí viveu os seus primeiros anos que, à época, era um meio industrial próspero. A família, pelo lado de um tio, tinha uma empresa têxtil, tendo o seu irmão mais velho, de nome José, antes de também ser jesuíta, aí ter tido uma experiência operária. Não muito tempo antes do seu falecimento, LCS foi convidado, e aceitou fazer uma conferência sobre a questão social, que decorreu na associação sua conterrânea “Unidos do Tortosendo”<sup>2</sup>.

O papel das pessoas na formação de outras pessoas, na caminhada da humanização dos seres humanos, é de especial importância. Muito será hereditário (natureza individual); muito advém do ambiente (papel da cultura, *lato sensu*), começando pela família e prosseguindo na Escola. Disse LCS que as constantes reuniões em família, em são e alegre convívio, o marcaram muito (Cf. SILVA, 2004, 62). À interrogação sobre se a influência da família na sua educação tinha sido muito grande, é taxativo: “Sim, sim, a família marcou-me e disso não tenho dúvidas [...]”. Tocando, de seguida, na binomia família-cultura/conhecimento, para esclarecer: “Portanto, a cultura não foi lá [na família]. Mas o aspeto humano de convivência, aí sim. No caráter, na maneira de ser [...]” (*Ib.*, 67)<sup>3</sup>.

### 1. - A influência dos pais em LCS:

A construção de cada ser humano tem muito a ver com o afeto, com a “relação”, como evidenciam os estudos, nas últimas décadas, da Antropologia Filosófica e como podemos encontrar no veio seminal da obra do sábio professor, psiquiatra e psicanalista António Coimbra de Matos (1929-2021)<sup>4</sup>.

A “relação” não é só na família, mas esta é o catalisador maior em toda a relação humana, mas também no trabalho, como LCS põe em relevo na construção da Universidade do Minho, evocando que tinham “um ambiente quase de família, em que os problemas eram sentidos por todos e todos estavam dispostos a sacrificar-se.” (SILVA, 2004, 86). Ou seja, vinca, por outras palavras: “[...] o aspeto humano dá outra riqueza ao ambiente, procurei que essa riqueza nos unisse [nessa época inicial, a ‘época heroica da universidade’]” (*Ib.*, 86).

---

<sup>2</sup> Não é conhecido esse texto, mas como o Professor Lúcio passava sempre para letra formal as suas intervenções, é possível que as folhas dessa comunicação se encontrem algures em Tortosendo, por isso, está-se no terreno na respetiva busca.

<sup>3</sup> O que o berço dá, a tumba o leva! A família é fundamental na estrutura de base da pessoa. A cultura é muito importante, mas o substrato está na família (ou na falta dela).

<sup>4</sup> Além de outras obras de A. Coimbra de Matos, veja-se o seu livro *Nova Relação*, Lisboa: Climepsi Editores, 2017.

A educação materna e paterna – cada um à sua maneira – foram reconhecidamente fundamentais na construção da sua pessoa. Do **pai**<sup>5</sup>, narra episódio exemplar, que lhe ficou para a vida, tomando dele os valores da retidão e da seriedade (Cf. *Ib.*, 65)<sup>6</sup>.

Que belo exemplo de trato e de caráter, que bebe da **mãe**, e que nele jorrava em abundância:

“A minha mãe era muito equilibrada e eu aprendi muito com ela. Os homens levam-se melhor com delicadeza e atenção do que com empurrões. E isso a minha mãe sabia usar e a gente aprende com essas coisas. Aprende para a vida inteira.

[...]

A minha mãe sabia escutar, compreender, acompanhava-me muito nos sucessos e nos fracassos [...].” (Cf. *Ib.*, 65).

Traço marcante na sua **mãe**, que soube absorver e levar para a sua longa vida, como novamente realça:

“E digo-lhe que depois quando fui Reitor e tive esses cargos todos, quem me marcou para a vida toda foi a minha **mãe** nesse aspeto: saber aceitar as pessoas, ser amigo das pessoas. Há vários casos na minha vida que me têm acontecido e que sempre procurei resolver de maneira humana [...].” (Cf. *Ib.*).

Como, eventualmente, teria aprendido também de sua **mãe** a máxima, que tantas vezes lhe ouvi pronunciar, e que funcionava como aliviador de tensões: “De um problema não se criem dois”.

## 2. - O papel da **escola-professores**:

Os primeiros anos da escolaridade formal são fundamentais: é aí que, geralmente, se inculca a semente e o gosto da “curiosidade” pelo saber e se lançam os alicerces do ler, escrever e contar, que irão germinando ao longo da vida. LCS explica a sorte que teve, quando se refere ao professor primário:

ele “conseguiu explicar claro, entusiasmando-nos” (*Ib.*, 64); “Sempre gostei de saber e isso foi o meu professor de instrução primária que mo meteu na vida” (*Ib.*, 67). Como recorda também o papel dos escuteiros na sua formação (Cf. *Ib.*, 63).

## II. – Valores

1. - *Humanismo*. No seu sentido de vida e na sua conduta vislumbra-se um lastro de valores como humanismo, compaixão, respeito. Perante situações difíceis, era perentório no seu comentário. “Ao menos, salve-se o homem” ou “De um problema não se formem dois”. Não se poupava a esforços, utilizando todo o seu magistério de influência para conseguir dos outros a mesma atitude de tolerância e de perdão dos mais irados. Dom

---

<sup>5</sup> Observação interessante e perspicaz: “O pai tinha autoridade ou julgava que tinha porque as mães têm muito jeito para ter autoridade.” (Cf. SILVA, 2004, 64).

<sup>6</sup> Muito recentemente, o escritor Francisco Moita Flores, a propósito da despedida final do seu pai, resume igualmente bem o papel fundamental da família, ilustrando genericamente o que dissemos acima: “Foi pelos seus olhos [do Pai] que aprendi a amar os livros. E a amar o mundo, os animais e as pessoas. Pelos seus olhos e pela ternura da minha Mãe. Íamos os dois, quinzenalmente, à Biblioteca Itinerante da Gulbenkian, que estacionava em frente à Igreja de S. João Batista [em Moura]. Uma fila de esfomeados, putos e graúdos, à espera de alimento. Era um homem rijo, sem horas para trabalhar, intrépido e insurreto. Não suportava o Regime [salazarista] e, com ele, descobri as emissoras clandestinas, que se diziam em voz sussurrada”, começou por descrever o autor.» (<https://tvi.iol.pt/goucha/nacional/facebook/francisco-moita-flores-chora-a-morte-do-pai-chegou-a-hora-de-dizer-adeus-ao-meu-grande-heroi>; consulta em 12/09/2022).

José Policarpo (1936-2014), outrora Reitor da Universidade Católica Portuguesa e Cardeal Patriarca de Lisboa, afirmou a propósito de LCS: “É a pessoa mais teimosa que conheci, mas sempre na defesa do bem e das pessoas”.

Procurava a mesma benevolência na seleção de pessoas. Por exemplo, nas contratações para professores universitários, LCS entendia que não bastava ser bom do ponto de vista técnico-científico, pois era também importante que fosse “boa pessoa”. Só com esta última capacidade poderia ser bom professor- formador.

**2. - Amizade.** Os amigos são fundamentais, explicitava, e ele soube preservá-los e, até, defendê-los quando, de algum modo, eram injustiçados. A este propósito, veja-se neste livro a apresentação-elogio do Professor Adriano Moreira (1922-2022), aquando da atribuição, pela Universidade da Beira Interior, em 2002, do Doutoramento *Honoris Causa*.

**3. - A busca da harmonia, o fazedor de pontes.** Um seu confrade jesuíta disse-me um dia que LCS era o maior “descalçador de botas” que conhecia. A expressão vale o que vale, mas não foi referida com grande apreço, antes pelo contrário. No entanto, o dito (jocosos) aponta para a sua natural facilidade em fazer “pontes”, em levar a harmonia onde despontasse conflito. Dois exemplos disso mesmo:

a) Uma vez, nos inícios do século XXI, no âmbito de uma reunião do Conselho Cultural da Universidade do Minho – a que presidiu, desde a fundação daquele órgão até ao seu falecimento – na presença do Reitor, Professor A. Guimarães Rodrigues, surgiu um problema intrincado, cuja resolução passava por uma delicada missão de chegar à fala com o Eng. Mesquita Machado, então presidente da Câmara Municipal de Braga (as relações com a UMinho não eram as melhores)! Quem haveria de “descalçar essa bota”? O Professor Lúcio, que não só aceitou a incumbência, como superou a tarefa com êxito;

b) Por alturas da passagem do século XX para o XXI, houve um conflito dentro do Departamento de Matemática da UMinho Os da Matemática geral, em Braga, e os da Matemática aplicada, em Guimarães. O Reitor da altura, Professor L. Chainho Pereira, estava preocupado com tal problema, havendo necessidade de encetar conversações delicadas, a fim de restabelecer a harmonia possível. Em quem pensou o Reitor? No Professor Lúcio, que chefio uma pequena comissão e que, de facto, conseguiu harmonizar os contrários.

**4. - Sabedoria.** Só os seres humanos produzem conhecimento e apenas a alguns é reconhecido o nível da sabedoria. Não é fácil definir “sábio”. Para além do elevado grau e constância de sensatez e harmonia, em linguagem chã, penso que um sábio é aquele que acerta mais. É nessa envolvência que encontrei pessoas que, após a morte do Homenageado, perante problemas intrincados, faziam esta invocação mental: “O que diria ou aconselharia o Professor Lúcio perante esta situação?”

**5. - Célula familiar (sentido geral).** Mesmo não tendo constituído família própria – imperativo das normas sobre a vida das pessoas consagradas à Igreja Católica -, sempre enobreceu a dimensão familiar. Faz honroso elogio da sua própria família, nas figuras dos seus Pai e Mãe, como referimos anteriormente. Por diversas vezes, o vi relevar e enaltecer o papel das mães: “As mães é que fazem as famílias”, dizia. Foi na sua família que aprendeu “o aspeto humano de convivência”; “No caráter, na maneira de ser, eu sinto-me um Craveiro, marcado pela família.” (*Ib.*, 67). Fazia visitas frequentes a famílias amigas, sempre que era convidado, sobretudo em datas festivas ou cerimónias católicas como casamentos, batizados, etc., sempre concedendo o seu afeto. Soube mesmo buscar e

usufruir de afeto feminino, sendo mesmo muito bem aceite pelas senhoras, e frequentemente era chamado na condição de conselheiro.

**6. - *Justiça social.*** Tema já tratado em profundidade pelo Professor Fernando Machado, quer em estudo anteriormente publicado (MACHADO, 2015), quer noutro, que foi o assunto da sua conferência, do presente ciclo, e que consta neste livro coletivo, em memória do Homenageado, por iniciativa da Biblioteca com o seu nome. Um mero exemplo, mas significativo, da colocação em prática deste valor, evidenciando o seu sentido de justiça, foi o de, após o seu mandato de Reitor na UMinho, e já no desempenho de novo mandato como diretor da Faculdade de Filosofia de Braga, da Universidade Católica Portuguesa, ter equiparado os salários de todos os trabalhadores (docentes e não docentes) da referida Faculdade aos equivalentes do Estado.

Ontem, tal como hoje, quem não tem umas boas noções de economia não entende bem o funcionamento da sociedade. Conhecimento que ele tinha adquirido no curso de Economia e que, dizia, “deu-me outros horizontes” (*Ib.*, 98)

**7. - *Descanso.*** Eis a sua máxima: “Quem não sabe descansar, não sabe trabalhar” (Cf. GAMA, 2014-2015), como especifica:

“Ao longo dos meus estudos estudava com facilidade e com gosto, mas tive sempre um princípio que eu hoje resumo assim: ‘Quem não sabe descansar, não sabe trabalhar.’ E de facto, eu atribuo certo êxito dos meus estudos a essa causa porque eu depois gostava de brincar e de me distrair. E assim nunca tive esses cansaços, esses esgotamentos, nem o desencanto pelo estudo.” (SILVA, 2004, 67)

O futebol era para ele um passatempo descansativo: “Descanso ao assistir a desafios de futebol, gosto muito de estar ali em frente ao ecrã a ver se os jogadores realizam as coisas bem-feitas» (*Ib.*, 99). Mesmo durante as férias de verão, na Serra da Estrela, se havia a transmissão de algum jogo (geralmente, de preparação para a nova época), não o perdia.

**8. - *Portugal e as coisas portuguesas.*** LCS era um amante das coisas portuguesas. Dada a sua vasta experiência internacional, nele não era provincianismo nem sinal de tacanhez, aproximando-se da ideia deixada por Miguel Torga, num dos volumes do seu *Diário* (TORGA, 1993, 88), onde vinca que o universal é o local sem muros. Vejamos:

a) Cerca de meia dúzia de anos antes do seu falecimento, escreveu: «A cultura e os problemas portugueses são a **casa** onde vivo e respiro. E, quanto me compete, desejo-a bela e arejada. Não me interessa viver na **casa** dos outros. Cada cultura constrói e arruma a sua **casa** o melhor que pode e sabe.» (SILVA, 2000, 7). Veja-se a força da quadrúple utilização da palavra “casa” (conforme nós assinalámos). Não há dúvida de que a casa (não só a doméstica) é o local onde nos sentimos bem, onde somos mais nós próprios, onde tiramos a “máscara”.

Aquela afirmação sobre a casa “portuguesa” tem tanto mais valor quanto a LCS não faltava mundo, pois, sobretudo, nas variadas viagens proporcionadas pela sua condição de Provincial (dirigente máximo) dos Jesuítas portugueses – na altura, incluía os países de língua portuguesa -, durante vários anos, de Professor e Reitor da Universidade do Minho, assim como fundador e Diretor do Instituto Superior Económico e Social de Évora (ISESE)<sup>7</sup> e repetidas vezes diretor da Faculdade de Filosofia de Braga e, ainda, mais lá atrás, enquanto estudante em Espanha (Bilbau) e na Bélgica (Lovaina), conviveu com

---

<sup>7</sup> Nesse Instituto Superior eborense, igualmente ajudou a fundar e codirigiu a revista *Economia e Sociologia*, que começou por denominar-se Estudos Eborenses, com lançamento em 1965 - <https://sites.google.com/site/revistaeconomiaesociologia/> (consulta em 08-11-2022).

muitas culturas, como ele próprio confessa: «Conheço evidentemente as outras “casas” e dialogo e até aprendo com outras culturas porque nunca me deixei isolar mas vou sempre, como dizem, “lá fora, cá dentro.”» (*Ib.*) Ou seja, é importante – como também realça – o «diálogo» e a aprendizagem com outras culturas, mas sem perder o “amor terrantês” (expressão tomada de Damião Peres, mas foi a única pessoa a quem a vi utilizar).

LCS caracterizava cada indivíduo, bem como, em geral, cada pessoa pela terra onde nascera ou onde crescera. A primeira pergunta que fazia quando conhecia alguém era sobre a sua origem geográfica. Isso ajudava-o a compreender e a caracterizar o seu interlocutor, a sua personalidade. Era mesmo uma informação que não dispensava. Era frequente, com propósito contrastivo, o seu discurso sobre a situação diversa de Espanha, que via como “um conjunto de reinos separados que foram coagidos a unir-se político-administrativamente”. Assim, conforme a zona de que falava, podíamos ouvi-lo caracterizar em pormenor essa região e os seus habitantes. De todos conhecia a psicologia e os grandes traços da personalidade que logo identificava como originário da Galiza, da Catalunha, do País Basco, de Trás-os-Montes, das Beiras, do Minho, etc.

b) Mesmo em coisas prosaicas, como o futebol – era um passatempo que o ajudava a descansar -, quando jogavam clubes portugueses com estrangeiros, dizia torcer sempre pelos portugueses.

c) Com a realização e publicação de estudos diversos sobre a identidade nacional/cultural dos portugueses, é, sobretudo, no seu livro *Ser Português. Ensaio de Cultura Portuguesa* (2000), que, de forma diversa, toca em vários elementos da Portugalidade. Apesar disso, em «Auto ótica» não deixa de enunciar algumas características lusitanas: Por um lado, os portugueses sabem fazer pontes: “[...] os portugueses têm mais capacidade de unir os povos do que qualquer outra nação.” (SILVA, 2004, 68); por exemplo, no Brasil, que “é tão grande como a Europa e não tem separatismos”, fizemos a união de um grande território sem ser pelas armas (*Ib.*, 68); “É esta a arte dos portugueses em unir os povos” (Silva, 2004: 69); ainda nesta característica, LCS anota que “Os portugueses são um povo que onde estiver cria ambiente de unidade e de compreensão”, sendo diferente dos espanhóis, que são marcados pelo “separatismo” (*Ib.*, 92); e, também, “[...] os portugueses no estrangeiro são mais amigos entre si do que cá em Portugal” (*Ib.*, 72).

Na idiosincrasia dos portugueses, LCS encontra uma clara oposição ao centralismo: “[...] nós portugueses trabalhamos melhor em ambiente pequeno, acessível, como as câmaras [...]”, pois, assim, os cidadãos “sentem-se mais responsáveis, amigos da sua região,” desconfiando do centralismo governativo (*Ib.*, 94).

Na índole dos portugueses, LCS vê um povo com sabedoria: “[...] temos um povo que não teve estudos, mas é sábio! O povo tem uma sabedoria que colmata os erros da falta de cultura. Foi essa sabedoria do povo português que fez o império de Portugal.” (*Ib.*, 95).

No entanto, em conformidade com a natureza humana, não é um povo perfeito; é extraordinário, mas...: “Nós, portugueses, somos extraordinários. É pena que não saibamos valorizar as nossas ações. Fomos capazes de fazer tanta coisa!” (*Ib.*, 99). Como noutro campo onde os portugueses fraquejam é na política: “Política é a nossa parte fraca. Todos os povos têm parte forte e parte fraca e a nossa é essa.” (*Ib.*, 93). Observação, que vem na mesma linha das análises do etnólogo Jorge Dias e do poeta-filósofo Antero de Quental nas suas caracterizações dos elementos da cultura portuguesa.

**9.** - *Homem de carne e osso*. Consciente de que somos seres de carne e osso - expressão de Miguel de Unamuno, que por vezes enunciava -, e não anjos, apreciava um copo de bom vinho (maduro tinto; dizia com graça que o vinho verde era bom para lavar os pés).

Também aqui se aproximava de Antero de Quental, para quem, todos os anos, o seu amigo Alberto Sampaio (1841-1908) – que cultivava videiras e produzia vinho na sua Quinta de Boamense, em Famalicão – enviava algumas garrafas, que ele agradece a certa altura, em carta de 1881, com os atributos de “maravilha” e “inatacável”, ao mesmo tempo que aproveita para, em comparação contrastiva, evocar algumas produções de lavradores do Minho, cujos vinhos produzidos não passam de «zurrapa de bárbaros» (Cf. QUENTAL, 1989, 596).

O “seu” Queijo da Serra (sobretudo curado) tinha-o como “inigualável”. Onde fosse, procurava sempre provar os queijos, para ver se encontrava melhor, mas nunca o conseguiu. Tinha sítio certo para a sua aquisição, em Braga, para onde vinha diretamente da zona serrana.

Igualmente, o cigarrito foi uma companhia de décadas. Tudo começou quando foi para a Bélgica, no final da década de 40 do século precedente, para preparar o seu doutoramento. Como o tempo, para tal, era escasso, o padre superior jesuíta, na sua residência em Lovaina, advertiu-o: «Com pouco tempo, se não fumar não consegue atingir o seu objetivo». Foi o começo de um hábito, que só terminaria quando se libertou da “lei da morte”.

**10. - Natureza.** Quando indagado sobre o que está para além dos gabinetes e dos livros, diz que em primeiro lugar está a natureza, nomeando, a propósito, a Serra da Estrela, o Douro e o Bom Jesus (Cf. SILVA, 2004, 98).

### III. – A Universidade

**1. - Papel da Universidade.** LCS atribuía à Universidade, como instituição, um papel fundamental na construção da pessoa e da sociedade, assim como ela própria é reflexo dos seus agentes internos, afirmando que “É pelo estudo e pela reflexão dialogante que ajudamos a Universidade a crescer...” (*Ib.*), assim como via que a Universidade “floresce como um centro *vivo* da Cultura [...]” e de todos os seus valores (*Ib.*, 123), pois, no seu entendimento, “Os homens valem segundo a cultura que os enriquece, e o lar da cultura é a Universidade” (*Apud* MOREIRA, 2015, 34).

a) Critério na escolha dos professores. Via-o como aspeto importantíssimo, pois “A universidade são os professores, não as paredes.” (SILVA, 2004, 74). Logo, para quem tem essa responsabilidade, deve “[...] procurar escolher bem os professores, porque um professor mal escolhido depois não tem remédio. [...] eu digo muitas vezes que a escolha dos professores é fundamental numa universidade, porque um homem inovador e com talento, como Kant, vale uma universidade.” (*Ib.*, 83). Depois da seleção criteriosa do professor, este deve preparar-se, como aconteceu no seu caso: “Fora convidado para professor de Ética Económica e Política e falar de Ética Económica sem saber economia ou falar de Ética Política sem saber política, é fiar sem fio.” Daí o ter ido estudar esses saberes para Bilbao (Espanha) e Lovaina (Bélgica) (*Ib.*, 73).

b) A sua experiência como Reitor. Como já referido, perante a eminência da sua nomeação pelo Poder central, LCS exigiu um sufrágio universal dentro da UMinho como condição para exercer a função de Reitor, tal como veio a suceder. O exercício daquela função - que teve a sustentá-la o valor do serviço filantrópico – não foi dos mais realizadores para ele, que se sentia, na substância, um universitário, dado que se viu como uma espécie de bombeiro, que tenta apagar o fogo no início: “O Reitor não pode ter um plano pessoal seguido e descansado, porque tem que ir resolver os problemas logo quando

surgem e estar muito atento a esses problemas, porque ao princípio mais facilmente se resolvem, depois é mais difícil.” (*Ib.*, 87). Situação que leva a uma exagerada atenção ao imediatismo e, logo, a uma absorção do tempo, do precioso tempo. O seu exercício “Veio a implicar o sacrifício do meu gosto de investigação. Eu digo muitas vezes que ser Reitor é uma maneira honrosa de embrutecer [...]”, prosseguindo:

“[...] porque não há tempo para estudar, não há tempo para desenvolver as suas ideias, não há tempo para interrogar a vida e a cultura em que nós vivemos. [...] A gente não tem sequer a alegria de resolver problemas porque mal resolve um, nasce logo outro, e às vezes quase ao mesmo tempo.” (*Ib.*, 90).

**2. - O problema do tempo.** Não só o cargo de Reitor, mas muitos outros, quer no âmbito civil, quer em contexto religioso, muito o impediram de que, com mais intensidade, pudesse concretizar a sua paixão universitária pelo conhecimento (Cf. *Ib.*, 98). Se o comum universitário se depara com esse problema da escassez de tempo, com o exercício de cargos e tarefas extraordinárias, tanto mais premente seria no seu caso. Não tendo tais obstáculos ao longo da sua caminhada, certamente, muito mais vasta teria sido a sua investigação científica e nos teria deixado um legado bem mais amplo do seu pensamento, para além do que nos deixou em livros, artigos, etc., e de cuja valia é espelho a série de conferências – levadas a cabo pela Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, ao longo de 2022 - baseadas na sua obra, e que compõem o conteúdo do presente livro, para além de outros estudos anteriores, nomeadamente aquando da comemoração póstuma do centenário do seu nascimento.

#### **IV. – Vida, Morte, Religião, Cultura, Personalidade**

**1. - Tríplice dimensão da sua vida.** Embora a indumentária não desse sinal da sua condição de padre jesuíta, nada fazia para o ocultar:

“[...] eu sou religioso, sou jesuíta e a minha cultura tem também uma base religiosa. Mas a cultura não se opõe à religião, antes pelo contrário, a religião pode ser mais consciente na medida em que for culturalmente mais desenvolvida. E toda a gente sabe aquilo que eu sou. Eu nunca fingi. Toda a gente sabe que eu sou padre, sou jesuíta e sou universitário, e esta síntese teórica constrói a minha vida.” (*Ib.*, 90-91).

**2. - O sentido da vida:** LCS veio para Braga, em 1934, e como não podia sair de casa, recorda que, “muito felizmente, entusiasmei-me pelos livros e por Antero de Quental e outros autores” (que não especifica) (*Ib.*, 64). Esse entusiasmo pelo poeta e filósofo açoriano, que tanto admirava e com o qual tanto empatizava, expressa-o nesta síntese: “Foi um peregrino incerto, que ficou à chuva e ao sol, hesitando numa encruzilhada de caminhos. E, no entanto, indagou avidamente o verdadeiro sentido da existência: «desejou saber, ao menos, para que veio ao mundo»”. (*Id.*, 1992, 59). Tal como o seu “mestre”, também LCS, com frequência, em idêntico espírito, enunciava os porquês em relação a si.

**3. - Relação vida-morte.** A boa morte prepara-se na vida: “É um disparate que um homem de 88 anos não pense na morte que está próxima, mas eu por enquanto ainda penso na vida. E acho que a melhor morte que se pode aspirar é ter uma vida harmonizada quanto possível.” (*Id.*, 2004, 90).

**4. - Em autoanálise.** A questões mais de auto análise, como por exemplo, “Qual é a sua maior qualidade?” e “Tem facilidade no relacionamento com as pessoas?”, deu respostas longas com várias facetas: Expressa a ideia de recato, que era evidente nele: “Eu nunca gostei de falar muito de mim mesmo [...]” (*Ib.*, 91). Nesse seu modo de viver, diz estar



sempre atento ao desenrolar das coisas, procurando aprender com as experiências da vida: “[...] mas há uma coisa que eu talvez deva à minha família, aos meus pais, à educação: eu procuro aprender com a experiência. Infelizmente nem toda a gente aprende.” (*Ib.*). Em relação à convivência com o outro, seja em ambiente particular, seja em contexto de trabalho, enfatiza três dimensões: Uma, de caráter geral – e bem vincada na sua conduta –, que era o respeito pelo outro, que manifesta assim, “[...] respeito muito os homens e sou amigo dos homens. [...] Precisamente, acho que devemos compreender-nos, respeitar-nos e amar-nos dentro do possível.”<sup>8</sup> (*Ib.*). Em consonância, expressa a estima e a valorização do contributo de todos, através da via do diálogo, pondo também em evidência a sua inclinação pela importância do trabalhar em equipa: “Tenho ou procuro ter facilidade no relacionamento com as pessoas. Nunca fui impositivo. [...] é do diálogo amigo e esclarecedor que devem nascer as iniciativas em que todos somos precisos.”; “Sempre gostei de trabalhar em equipa [...]” (*Ib.*, 91).

**5. - Pergunta derradeira.** À última pergunta «O que achou da entrevista?»<sup>9</sup>, a resposta realça sobretudo a sua visão prospetiva – mesmo perto dos 90 anos – e a sua condição de pensador:

“Não sei, estou à espera do que vai resultar. Obrigou-me a pensar em coisas em que eu não penso, pois são do meu passado e o passado lá vai; procuro sobretudo cumprir o meu dever e prever o futuro. De maneira que nesse aspeto isto pode ser interessante, porque me obriga a refletir sobre coisas em que eu não tinha refletido. Agora, o que vai dar não sei, estou à espera.” (*Ib.*, 96).

## CONCLUSÃO

**1. –** Tal como apreciámos e muito aprendemos no longo convívio com LCS, também sabemos que na nossa sociedade portuguesa tem havido, e há, outras pessoas notáveis/de alto coturno – outros Craveiros de alta craveira! –, espécie de candeias alumadoras para o devir-porvir, mas, entre nós, e de muito velha data, parece que as coisas não andam para a frente, sendo muito difícil fazer reformas. Temos esta pecha lusitana: há obstáculos mentais (e não só) que não deixam medrar um espírito coletivo iluminado por essas mentes brilhantes. Talvez o problema esteja nas (fracas) instituições; elas acabam por vergar os vanguardistas e reformadores ou, então, estes têm de fugir para longe.

A cultura das Instituições e o agir coletivo, normalmente, não aconchegam o espírito dos “Cavaleiros do Amor” – os santos laicos -, na expressão de Sampaio Bruno (1857-1915), como, entre outros, mais próximos de nós – e na nossa opinião -, estão Lúcio Craveiro da Silva (1914-2007), Adriano Moreira (1922-2022), Manuel Antunes (1918-1985), A. Ramalho Eanes (n. 1935), Frei Bento Domingues (n. 1934), Rui Nabeiro (n. 1931), e na linha de outros/as Cavaleiros/as do Amor, embora distantes na geografia, como Nelson

---

<sup>8</sup> Dentro desse respeito pelo outro, desde a consideração que tinha com todos e cada qual, independentemente da sua condição, até aos mais pequenos pormenores, como o da assiduidade e do rigor na pontualidade – aspeto este pouco valorizado e praticado em terras lusitanas – aspetos bem acentuados pelo Professor Licínio Chainho Pereira, seu Vice-Reitor e futuro Reitor (*apud* SILVA, 2015: 148). Confirmo-o pessoalmente: para qualquer compromisso, fossem reuniões, boleias, etc., o Professor Lúcio estava sempre 5 minutos antes da hora do agendado/combinado.

<sup>9</sup> Esta entrevista presencial foi, depois, objeto de correção pelo próprio Professor Lúcio, sendo reinserida no “Museu Pessoa”, dirigido pelo Professor Pedro Rangel Henriques (Departamento de Informática da UMinho), autorizou a sua publicação no livro de homenagem a LCS, aquando da passagem do seu 90º aniversário, intitulado *Biobibliografia. Sobre a Universidade*, Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 2004, no capítulo “Auto Ótica” (pp. 59-96).

Mandela (1918-2013) ou Teresa de Calcutá (1910-1917). A diferença, pensamos, é meramente de escala, não de exemplaridade de vida. Em comum, são pessoas que, pelos seus valores e conduta de vida, detêm a verdadeira *autoritas*, que não lhe advém do exercício de cargos ou outra qualquer circunstancialidade honrosa, mas como que emana da sua natureza própria. Aliás, exceto Teresa de Calcutá (santa), possivelmente, nenhum deles será bafejado pela coroa da santidade católica, e nem sequer terão direito a ser celebrados no dia 2 de novembro – Dia dos “fiéis” defuntos – pois, o atributo “fiel” não seria assumido por todos!

2. – Em síntese final. Pouparando esforços na busca de ajuntamento novo de palavras, tomamos as do Professor Acílio Estanqueiro Rocha que, em perfil sintético, mas em largo enlace, se refere ao Professor Lúcio como «figura de rasgada humanidade», assim como «Colega que se aproxima de nós num gesto de radical fraternidade, companheiro que transmite a palavra necessária e o prudente conselho, a que não nega um humor genuíno, aliado por vezes a uma graça fina.» (Rocha, 2004: 55). Características estas, que tentámos exemplificar ao longo do nosso texto, tendo em vista emoldurar o perfil humano de Mestre do Patrono desta ativa Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva - bem dirigida e servida pela competência da sua diretora, Dr<sup>a</sup> Aida Alves, e demais trabalhadores/as.

## BIBLIOGRAFIA

GAMA, Manuel (2014-2015), “Lúcio Craveiro da Silva e o descanso. No centenário do seu nascimento”, in: *Forum*, Braga, nn. 49-50, 31-35.

MACHADO, Fernando Augusto (2015), “Lúcio Craveiro da Silva, o jesuíta que se preocupou com a felicidade na Terra: um olhar sobre o social”, in: Manuel Gama, João Ribeiro Mendes, Maria Francisca Xavier (Org.), *Lúcio Craveiro da Silva. Homem de Ação e de Pensamento*, Braga: Conselho Cultural e Departamento de Filosofia da Universidade do Minho, 71-89.

MATOS, António Coimbra de (2017), *Nova Relação*, Lisboa: Climepsi Editores.

MOREIRA, Adriano (2015), “Lúcio Craveiro da Silva: construtor de uma Universidade (Minho e Évora)”, in: Manuel Gama, João Ribeiro Mendes, Maria Francisca Xavier (Org.), 31-36.

PEREIRA, Licínio Chainho (2015), in: Manuel Gama, João Ribeiro Mendes, Maria Francisca Xavier (Org.), 137-150.

QUENTAL, Antero de (1989), *Cartas II. 1881-1891*, Org., introd. e notas de Ana Maria de Almeida Martins, Lisboa: Editorial Comunicação.

ROCHA, Acílio da Silva Estanqueiro (2004), “Proémio”, in: Proémio de Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, Bibliografia por Henrique Barreto Nunes, Org. e rev. por Manuel Gama, *Biobibliografia. Sobre a Universidade*, Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, 7-55.

SILVA, Lúcio Craveiro da (1992), *Antero de Quental, evolução do seu pensamento filosófico*, 2<sup>a</sup> ed. aumentada, Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

SILVA, Lúcio Craveiro da (2000), *Ser Português. Ensaios de Cultura Portuguesa*, Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

SILVA, Lúcio Craveiro da (2004), *Biobibliografia. Sobre a Universidade*, Proémio de Acílio da Silva Estanqueiro Rocha, Bibliografia por Henrique Barreto Nunes, Org. e rev. por Manuel Gama, Braga: Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho.

TORGA, Miguel (1993), *Diário XVI*, s.n., Coimbra.